

José María Rodríguez Olaizola, sj

Contemplações de Papel



EDITORIAL AO

Título original

Contemplaciones de Papel (11.ª Edición)

© Editorial Sal Terrae, 2022

© Grupo de Comunicación Loyola

Polígono de Raos

Maliaño (Cantabria) – España

ISBN: 978-84-293-1783-1

Tradução

Joana Ferreira da Silva

Capa

Romão Figueiredo

Paginação

Editorial AO

Impressão e Acabamentos

Gráfica Almondina de Progresso e Vida

Depósito Legal

538106/24

ISBN

978-972-39-0994-4

Outubro de 2024

Com todas as licenças necessárias

©

SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA / Tel.: 253 689 443

www.redemundialdeoracaodopapa/livraria.pt | livros@snao.pt

*A Marisol e Manolo, meus pais,
os primeiros que me ensinaram a olhar...*

Introdução

Há quem pense que os relatos do Evangelho são tão conhecidos que já não conseguem trazer nenhuma novidade. Talvez para determinadas pessoas o Evangelho não passe de uma série de histórias gastas que já não evocam nada. Mas acredito que isso só acontece a quem não mergulha realmente nas suas páginas. Paixão, tristeza, amor, traições, alegria, encontros, medo, saudade, ciúmes, invejas, ambições, intriga, ódios selvagens, lutas, generosidade, adultério, bondade. Tudo isso, e muito mais, está nas páginas do Evangelho. O Evangelho mostra-nos quem é Deus e, ao mesmo tempo, ajuda-nos a entender quem somos nós. Porque fala da vida dos seres humanos, da nossa capacidade para o bem e para o mal, das nossas escolhas. Fala de nós, da nossa humanidade, ao mesmo tempo frágil e poderosa. Reconhecemo-nos nas suas histórias, porque são as nossas histórias.

Há muitas formas de nos aproximarmos do Evangelho, mas elas só interessam se nos ajudarem a compreender o Deus que se revela nas suas páginas e a descobrir como aplicar as suas palavras às nossas vidas e ao nosso mundo; se nos permitirem perceber uma Boa Nova que ainda hoje o é, em tantas situações sedentas de sentido e de esperança.

Santo Inácio de Loiola, nos seus *Exercícios Espirituais*, propõe a contemplação como uma forma de oração. Convida-nos a metermo-nos na história como se estivéssemos dentro dela. A convertermo-nos em alguma das personagens, ou em espetadores vivos. A tentar ver, ouvir, compreender o que está a acontecer. A deixar voar a imaginação para tentar descobrir, ao longo desse processo, o cerne dessas histórias. Para podermos ver que emoções despertam em nós, que ecos deixam, de que Deus nos falam. Porque Deus penetra no nosso horizonte através desses sentimentos e reflexões. Inspira e empurra, propõe e encoraja, fascina e provoca.

Nas próximas páginas convido-o a entrar dessa maneira no Evangelho. Trata-se de uma porta de entrada diferente para um texto que ainda continua a ser palavra viva. Porque fala de si e de mim, e de um Deus que, em Jesus, continua a dar sentido às nossas vidas. Espreitemos as vidas de Simeão e de José, de Judite e de Noa. Vidas possíveis. Vidas reais. Vidas humanas e por isso frágeis. Vidas transformadas pelo encontro com Jesus. Esse é o ponto em comum a todos os relatos. São episódios em que as pessoas se encontram com um Jesus que não deixa ninguém indiferente. Cura o doente, inquieta o autossuficiente, perdoa o culpado, abraça o solitário. Um Jesus com uma lógica, um projeto e uma palavra diferentes.

Cada capítulo tem a mesma estrutura. Começa com uma contemplação de papel. Ou seja, com um relato recriado do Evangelho. Tenta manter uma fidelidade estru-

tural à história narrada, mas, ao mesmo tempo, atreve-se a imaginar como poderia ter sido, com a liberdade de saber que o Evangelho não se esgota numa imagem e que a sua força continuará a iluminar tantas estórias ao longo dos anos e das distâncias. Proponho um mergulho lento nesses relatos, para estar com essas personagens com toda a calma, tentar reconhecer os seus sentimentos (talvez não nos sejam desconhecidos), desfrutar continuamente do encontro com um Jesus que impressiona.

A segunda parte do capítulo é uma reflexão sobre algum aspeto particularmente significativo da contemplação anterior: gratidão, serviço, perdão, medos, fé, chamamento, a conversão, a importância de escolher, a necessidade de curar tantas feridas... dimensões da vida onde todos nos podemos reconhecer. Essa é uma das principais virtudes do Evangelho: não fala só de Deus, fala também de nós, homens e mulheres de todas as épocas. Fala das nossas buscas e do que as nossas vidas podem vir a ser. E por isso, quando nos olhamos nesse espelho, reconhecemo-nos.

Cada capítulo termina com uma oração-poema.

Todos os relatos são retirados da infância ou da vida pública de Jesus. Quem sabe se um dia partilharei contemplações sobre a paixão e a ressurreição, mas por agora basta este primeiro encontro com um Jesus que olha, fala, toca, chama... e transforma sempre.

Quanto à ordem, procurei manter a disposição do Evangelho de São Lucas, de onde provém a maioria dos relatos. De qualquer forma, cada capítulo é independente

por isso pode ler cada relato conforme o que lhe apetecer mais; ou por causa da narração que contém, ou porque sente uma afinidade com alguma personagem, por causa da familiaridade com determinadas histórias ou porque o tema é importante para si neste momento.

É um enorme privilégio poder partilhar estas reflexões. Oxalá possam ser uma forma de aproximação a um Evangelho que é uma Boa Nova nas nossas vidas. Para mim, assim foi. Agradeço a possibilidade de as partilhar.

José María R. Olaizola
31 de julho de 2008

Capítulo 1

CRER...

1. Contemplação de papel: Simeão e a apresentação no templo

Simeão acorda. Mais uma manhã que começa. É sempre o primeiro a levantar-se. Já não dorme a sono solto, como quando era jovem. Agora as costas doem-lhe, levanta-se várias vezes à noite para urinar e os ruídos de Jerusalém despertam-no. É velho. Já passou a hora dele, como parece dizer-lhe continuamente com o olhar a sua nora Raquel. «Nunca gostou de mim», pensa Simeão. E fica triste porque ele, pelo contrário, sempre gostou de Raquel. Sempre lhe pareceu uma boa rapariga, uma mulher de personalidade forte, boa para o Marcos, tão indeciso. Mas ela considera o velho como um estorvo nesta casa, onde os choros dos novos não querem conviver com as tosses secas dos velhos. Habituaram-se a uma convivência à distância, feita de silêncios e rotinas. Um a um, os seus amigos vão morrendo. O Samuel, no ano passado, deitou-se e já não se levantou. O Gadiel, no último inverno, caiu para o lado quando ia a caminho da Samaria para ver os filhos. Não chegou a despedir-se deles. E quem fica, interroga-se, sem o ver-

balizar, quem será o próximo. Vê-o nos silêncios, nas frases que falam do futuro... interrompidas imediatamente, como que conscientes da sua imprudência (Qual de nós tem um amanhã?). Encurvam-se, enchem-se de rugas e cada dia caminham mais devagar.

Mas Simeão não duvida. Para ele, a morte não é nem uma ameaça nem uma possibilidade. Ainda não. Sabe que para já é intocável. Essa confiança não é nem uma vontade, nem uma negação da evidência. É mais uma certeza. Uma fé profunda numa promessa recebida há muitos anos. «Não morrerás sem ter visto o Messias». Tão simples quanto isto. Tão terrível quanto isto. Tão fascinante quanto isto. A sua mulher acabara de morrer e com ela morreu grande parte da sua alegria. Estavam juntos há muitos anos. Ela fora o melhor que lhe acontecera. Talvez a única coisa boa. O resto da sua vida fora um fracasso. Não conseguiu salvá-la. Foi-se apagando. Cheio de dor, com o seu cadáver ainda nos seus braços, gritara irado a Javé: «Até quando, Senhor, até quando vamos continuar nesta vida de sofrimento? Até quando vais continuar a castigar o teu povo pelos pecados antigos?». Foi então que sentiu. Sem voz, mas perfeitamente audível. Sem imagem, mas ofuscante. Sem forma, mas envolvente... Algo interior (ou exterior?) lhe disse: «Não morrerás sem ter visto o Messias». Simeão ficou mudo, perplexo. Saiu do quarto. Os seus filhos pensaram que o seu comportamento se devia à dor da perda. Saiu para a rua. Olhou para o céu. A voz já não se ouvia, mas a certeza permanecia. Tal como o calor e a alegria.

No início, os filhos pensaram que estava perturbado. Depois acreditaram nele, tal era a convicção com que falava. Durante meses, sentaram-se com ele a rezar, acompanharam-no ao templo. Ele olhava, olhava, olhava. Mas não via nada. A sua família acabou por se fartar. Deixaram de acreditar. Simeão continuou à espera. Sabia que não morreria sem ver o Messias. Os anos passaram.

Por vezes, desperta com a sensação de que «já» chegou a hora. Até se mexe mais depressa e custa-lhe menos levantar-se. Não sente as dores nas articulações. Espreguiça-se e sai de casa bem cedo, quando ainda está escuro, para ir até ao templo. Chega antes do amanhecer. E espera. De noite, rendido, pensa: «Não foi hoje». E regressa a casa, cansado, com uma sombra de tristeza remota no rosto. Raquel olha-o, exasperada. Ele espera.

Mas esta manhã é diferente das outras. Esta manhã, com a mesma certeza inconfundível daquele dia, sentiu apenas uma palavra: «Hoje». No início até considerou acordar toda a gente, mas depois refletiu melhor: só ia conseguir grunhidos e queixas... Saiu. Parece mentira que este velho, habitualmente tão desajeitado e pensativo, se mova com aquela agilidade, quase como um jovem, a correr sobre as pedras, a atravessar a porta de entrada na cidade a toda a pressa... «Ah, é outra vez o Simeão», diz ensonado um dos que por ali costumam estar. No nevoeiro da madrugada nem se apercebeu do brilho diferente que hoje lhe ilumina o olhar.

Simeão ficou horas no templo. Procurou nos rostos, nas pessoas... Mas ninguém parecia ser o eleito de Deus. Estava tudo normal, como de costume. Perguntou a um fariseu conhecido se hoje esperam algo de diferente. Nada. O templo é, como sempre, um viveiro de gente, de negócios, de orações. Aqui negocia-se, ali regateia-se, mais além deixam-se as oferendas para os sacerdotes: a este altar trazem-se os meninos recém-nascidos para ser circuncidados e naquele os filhos dos pobres passam pelo mesmo ritual. De vez em quando, um sacerdote atravessa a esplanada, seguido com temor reverencial por homens a pedirem, falarem, proporem, gritarem...

Simeão olha para a porta. Entrará por ali o libertador? É hoje que tremerão os alicerces de Roma? Herodes virá recebê-lo? Nesse momento vê-os. São três. Mais uma família. Um homem moreno, muito alto e de braços fortes. Nas mãos leva uma bolsa de couro, daquelas para guardar as pombas da oferenda ritual. Mais uma família pobre, com fome, humilde, pensa Simeão enquanto recorda as vezes que foi ao templo apresentar os seus cinco filhos. A mulher é muito jovem e parece cheia de energia, embora se veja que foi mãe recentemente. É uma rapariga simples, de uma beleza discreta e que não chama a atenção; e, contudo, quando os seus olhos se cruzam, Simeão para a observá-la, atraído por um sinal de reconhecimento. Observa-a de novo. Intrigado, desvia a atenção para o menino nos seus braços. Mais um pobre. Um menino condenado a repetir esta vida triste do meu povo... Simeão sente o ânimo com que acordou

esta manhã começar a desvanecer-se... e, então, tudo acontece de repente.

O menino olha para ele e sorri. De novo a voz, esse grito interior que o invade e ilumina. «É ele!» O reconhecimento esmaga-o. Nesse instante de compreensão, a sua vida e a sua fé transformam-se. De repente, sente-se de novo com vinte anos. E a sua história de fracasso e perda, de abatimento e de culpa, de medo a este Deus severo que sempre temeu estilhaçar-se por completo e é substituída por um encontro inesperado. «Javé, és dos nossos», pensa, cheio de alegria. Quem quer poder? Quem quer um exército mais forte que o de Roma? Quem quer mais do mesmo? Javé não é judeu: é pobre, pensa Simeão. E começa a rir. «Agora sim, já posso morrer», pensa. E sussurra uma oração íntima que chega às entranhas do mundo: «os meus olhos viram a Salvação, luz para as nações». Aproxima-se do casal. Para diante dele. Não parecem intimidados, nem sequer surpreendidos. O menino estende-lhe os braços e ele pega nele, repetindo mecanicamente o gesto que tantas vezes fez com os seus próprios filhos. E sente que tudo mudou. Que Javé ama o seu povo e a sua gente... E que a vida dos fracassados como ele não é um castigo de Deus, pois Deus também sofre com isso. Levanta o menino no ar, enquanto ri e dá voltas, e o menino grita de prazer... E nesse momento, contra a luz do Sol, Simeão crê vislumbrar outra imagem recortada contra o céu, a de uma cruz. E este menino feito homem pregado nela. Por um momento para e o seu sorriso esmorece. Mas o menino continua a rir. E Simeão, olhando

em redor, compreende. Tudo isto, os vendilhões, os sacerdotes poderosos, as oferendas e os medos... tudo isto vai desmoronar-se se este menino for o Messias.

Simeão sente-se a desfalecer. Devolve o menino à mãe, mas depois ouve: «Confia. Este menino fará cair muitos. Não sou eu mais forte do que uma cruz?». Simeão sente-se a transbordar. Olha para a rapariga. Repete em voz alta algo semelhante ao que escuta por dentro. Ela parece não entender, mas também não está assustada. Simeão pressente aflições e dor e avisa-a: «Ai, rapariga! Uma espada trespassará a tua alma». Arrepende-se de nada mais ter para lhe dizer, mas sente de novo: «Confia». Ela aperta-lhe a mão e ele vê nos seus olhos uma calma forte. Percebe que Deus está com ela, e confia... O trio segue o seu caminho até ao altar. Simeão afasta-se na direção oposta. À sua volta ninguém se apercebeu da cena. A vida segue o seu curso em Jerusalém.

Simeão abandona o templo. Sente-se cansado e feliz. Entende sem entender. Não conseguiria explicar o que viu. E, porém, sabe que tudo se cumpriu para ele. Durante o resto do dia percorre os lugares familiares de Jerusalém; hoje parecem-lhe diferentes. Volta para casa. Raquel olha para ele e o seu habitual gesto de enfado converte-se em surpresa quando o vê sorrir. «Que aconteceu?» «Nada, filha, nada». Beija-a na testa e pega num pedaço de pão. Ela estranha, vagamente comovida pela ternura inesperada do velho. Não se atreve a repetir a pergunta. «Não te preocupes, mulher», pensa Simeão, «vai ficar tudo bem».

Deita-se rapidamente, sabendo que amanhã se levantará noutra presença, na de quem toda a vida lhe quis bem, na de quem lhe enviou um menino pobre, um manso mais forte do que os fortes, para quem durante toda a vida olhou com receio. Simeão sorri. E adormece.

2. Crer na primeira pessoa. Esperar, crer, reconhecer...

Em que cremos? Que esperamos? Que fé sustenta a nossa vida? São perguntas fundamentais para as quais não sabemos se alguma vez obteremos respostas. São as questões a enfrentar quando nos queremos compreender, compreender o mundo e até Deus. Em que creio? Que espero? Que fé sustenta a minha vida? A forma como responder a estas interrogações determinará a forma como viverei e aprenderei a olhar para o mundo. Porque, basicamente, a fé apresenta-nos uma forma de viver e de estar na história. A fé dá-nos motivos e objetivos. Ensina-nos a dar nome a muitas das realidades das nossas vidas.

Não me parece viável passar todo o dia a pensar nas grandes questões da existência. No tempo presente, habituados como estamos a viver depressa, a dar primazia ao sentimento e à experiência sobre a reflexão, não é fácil arranjar tempo e espaço para nos dedicarmos a essas questões. Talvez até pareça um esforço inútil. Mas, por vezes, é muito importante olhar de frente para aquilo em que acreditamos. Porque isso condiciona tudo o resto.

Condiciona o modo como amamos e nos comportamos. Determina o que procuramos nos outros, a quem damos espaço na nossa vida. Influencia as nossas decisões. Afeta a forma como respondemos ao que nos vai acontecendo, como celebramos a alegria ou como reagimos à tragédia, se ela nos atingir.

Como definir aquilo em que cremos? É a esperança em algo que há de vir? É o cumprimento de uma promessa? É a certeza de algo diferente? É uma presença que ampara?

A fé não tem uma única definição, parece-me. Mas, seja como for, é a capacidade de olhar para o mundo com olhos que creem. É esse o desafio e a possibilidade. Aprender a descobrir que «o que é de Deus» está relacionado com o mundo que nos rodeia. A nossa fé ajuda-nos a descobrir que a realidade é uma espécie de janela aberta para a divindade. Que em redor de nós há muitas histórias, muitas vidas que nos falam de outra História e de outra Vida. E, ao mesmo tempo, é a possibilidade de olhar para o que chamamos «Deus» e adquirir a capacidade de olhar o mundo com outros olhos.

O Evangelho propõe-nos uma maneira de crer. E, consequentemente, uma forma de ver o mundo. A forma como o Evangelho lê a realidade contrasta em absoluto com aquilo que o nosso mundo nos ensina a valorizar e apreciar, e isso é fascinante. A Boa Nova revelada em Jesus tem essa capacidade surpreendente. Transforma o olhar. Dá a volta às nossas expectativas. Propõe-nos uma forma diferente de entender Deus e o próximo. E tudo isto é obti-

do na vida. Em algum momento da sua vida – oxalá assim seja – vai apropriar-se da fé, torná-la sua, deixar de acreditar apenas porque os outros assim lhe dizem, e começará a crer porque Deus se torna pessoal, próximo e crucial para entender a realidade à qual pertence. Ao aprender a olhar com olhos de crente nunca mais nada será igual.

Crer é um movimento que se assemelha a um baile, a uma dança em que vamos passando por diversos lugares... Passamos de uma fé infantil a uma fé adulta. A fé amadurece e aprendemos a descobrir que Deus não tem nada que ver com as nossas ideias mais infantis. Como pode a fé transformar o nosso olhar? Pode ser através do testemunho de alguém que nos faz entender e acreditar na mensagem. Pode ser através de alguma experiência pessoal que nos leva a procurar mais por dentro ou mais por fora. Pode ser através de uma aproximação ao Evangelho, interpretando-o de uma maneira nova.

Seja como for, ***o Evangelho tem a capacidade de virar do avesso a vida e as percepções.*** A capacidade de o Evangelho transformar os critérios com os quais lemos o mundo é surpreendente.

Um messias já não é um líder todo-poderoso, forte e triunfante que transforma a realidade apoiado no poder ou em truques fantásticos, mas um homem que, a partir das margens, da pequenez e do fracasso, demonstra que a humanidade não assenta no poder, mas sim no amor... Descobrir a força do pequeno, do simples e do frágil transforma todas as percepções.

Deus não faz de nós marionetas manobradas pela sua vontade; é o pai que nos quer livres para escolher aquilo que verdadeiramente faz de nós pessoas.

Onde muitos veriam um estranho, a fé ensina-nos a ver o próximo, e é próximo porque é nosso irmão.

Onde muitos veriam alguém rejeitável, desprezível ou condenável, a fé ensina-nos a olhar a partir da misericórdia de quem compreende que todos merecem outra oportunidade.

Onde o mundo vê fracasso, nós aprendemos a ver a cruz. E a cruz, embora mostre um rosto penoso e torturado, é também prelúdio de uma Vida plena que se impõe.

Vemos as diferenças entre as pessoas. Para determinados indivíduos essas diferenças tornam-se abissais: há «os nossos»... e os outros, os diferentes, os intocáveis por tantas razões. A fé ensina-nos a descobrir que todos são iguais aos olhos de Deus.

Onde o mundo vê loucura, nós aprendemos a ver sabedoria. A sabedoria das bem-aventuranças e do sermão da montanha. A sabedoria de descobrir que a vida só vale a pena quando é vivida em construção e partilha. A sabedoria de quem ama sem condições, sem negociação, sem mesquinhez.

O olhar crente educa-se ao longo da nossa história. A vida ensina-nos a olhar. Como a criança pequena aprende a descobrir o mundo à sua volta, à medida que amadurecemos aprendemos a interpretar o que acontece, as situações, a compreender as pessoas... E também aprendemos

a crer. Procuramos entender, dar nomes às coisas, e tentamos encontrar respostas. A nossa vida é, seguramente, feita de muitas coisas. A nossa história é uma história de amor, de maturidade, de trabalho. Tem os seus lados certos e errados, as suas alegrias e as suas tristezas. Pois bem, a nossa história, a sua ou a minha, é também uma história de fé que se vai construindo dia a dia, ano a ano, durante toda a vida. Nela coexistem momentos de inquietação e outros de gozo transbordante. Haverá lugar para a dúvida e para a confiança. Às vezes, sentimo-nos cativados e seduzidos por Deus, outras procuramo-lo com as perguntas, a incompreensão e até talvez com a raiva, por tudo o que nos acontece e aos nossos... Tudo isso faz parte da nossa história de fé (já agora, para mim o pior que pode acontecer a uma história de fé é ela não se concretizar, viver-se toda a vida fechado na maneira de crer da infância; ou no seu contrário, ou seja, no ateísmo primitivo de quem não acredita no Deus da sua meninez, mas não se atreve a pensar que a fé pode ser diferente disso).

Há três elementos presentes em qualquer história de fé: a procura, a confiança e a fidelidade. Compreende-se facilmente que a procura faz parte de qualquer processo de crescimento. A curiosidade, a inquietação, o desejo de saber, de compreender e encontrar respostas é profundamente humano. Procuramos o sentido, um horizonte. Procuramos os motivos. Procuramos Deus e procuramo-nos a nós próprios. Acredito que se alguém deixa de procurar e se limita a experimentar, a viver o que vier, sem esperar nem

desejar, a sua vida torna-se mais insípida; e se nos referimos à fé, esta acaba por se tornar mais mortíça. Somos capazes de fazer perguntas e de tentar encontrar as respostas.

Para além disso, a fé necessita de confiança. A confiança radical da criança, que quando é pequena acredita nos seus, e a confiança lúcida do adulto, a quem a experiência ensina a apoiar-se nos outros. Confiamos no que os outros nos transmitiram, nas suas intuições, que tantas vezes despertam em nós um sentimento de autenticidade. Confiamos numa palavra recolhida e transmitida por outros homens e mulheres, numa história com mais de mil anos, porque intuímos que essa palavra é verdadeira. Confiamos em «Deus», independentemente do que isso significa, conscientes que nos ultrapassará sempre, mas ao mesmo tempo acreditando em algumas promessas que parecem responder à sede mais profunda dos seres humanos: plenitude, bem, amor e vida.

Isto não vai tornar a história da nossa fé mais fácil. Teremos de lidar com muitas incertezas e ansiedades. O caminho não estará livre de obstáculos. Por vezes, a vida irá colocar-nos perante encruzilhadas complicadas. Nessas situações, a fidelidade desempenhará um papel muito importante. «Fidelidade» não significa perfeição, mas sim a vontade de dar uma oportunidade à nossa fé. Ser fiel é manter a decisão de procurar, ainda que por vezes não se encontre nada. É aceitar a existência de dias de uma fé mais escura ou sombria. É querer manter os compromissos assumidos, conscientes de que qualquer história se constrói na bonança e na tempestade.

É importante refletir sobre a sua fé. Ser capaz de, um dia, conceber a que Deus reza, se é que o faz. Quais os valores nascidos daquilo em que acredita. Como influencia a forma como olha para a sociedade. É preciso ter consciência de que a fé não é um acrescento ou um complemento na vida. É, pelo contrário, um chão firme, capaz de suportar as nossas esperanças e projetos, os nossos sonhos e decisões. É o prisma que dá um sentido profundo e pleno à forma como vemos o mundo, as suas histórias, as suas gentes. Por isso, vale a pena fazer perguntas, procurar respostas, partilhar o que os outros foram intuindo, descobrindo e aprendendo a ver em Deus. Para conseguirmos reconhecer no mundo e na nossa existência esse Deus que, quando o permitimos, dá à vida um sentido pleno.

3. Oração: Que eu veja

*Senhor, que eu veja...
... que eu veja o teu rosto em cada esquina.
Que veja o pobre a rir
com um riso alegre e renascido.
Que veja acender-se a esperança
nos olhos apagados
de quem um dia se esqueceu de sonhar e crer.*

*Que veja os braços que,
escondidos, mas incansáveis,
fazem milagres
de amor, de paz, de futuro.
Que veja oportunidade e chamamento
onde às vezes só há confusão.
Que veja como a dignidade recuperada
bloqueia os infernos do mundo.
Que no outro veja o meu irmão,
no espelho um apóstolo,
e no meu interior te vislumbre.
Porque não quero andar cego,
longe da tua presença,
absorvido pelo nada...
confundindo os meus passos
até lugares sem ti.*

*Senhor, que eu veja...
... que eu veja o teu rosto em cada esquina.*

ÍNDICE

<i>Introdução</i>	7
Capítulo 1. Crer...	11
1. Contemplação de papel: Simeão e a apresentação no templo	11
2. Crer na primeira pessoa. Esperar, crer, reconhecer... ..	17
3. Oração: <i>Que eu veja</i>	23
Capítulo 2. Descobrir quem é Deus	25
1. Contemplação de papel: A noite de José (<i>Lc 2, 39-40</i>) ..	25
2. Imagens de Deus	30
3. Oração: <i>Sou</i>	37
Capítulo 3. A Boa Nova...	39
1. Contemplação de papel: O anúncio na sinagoga (<i>Lc 4, 14-30</i>)	39
2. Uma boa nova surpreendente	46
3. Oração: <i>A tua palavra não passa</i>	53
Capítulo 4. Chamamentos	55
1. Contemplação de papel: A vocação de Levi (<i>Mt 9, 9-13;</i> <i>Mc 2, 13-14; Lc 5, 27-32</i>)	55
2. Chamamentos	62
3. Oração: <i>O que quero ser</i>	67
Capítulo 5. Quem pode julgar?	69
1. Contemplação de papel: As certezas de Simão (<i>Lc 7, 36-50</i>)	69

Contemplações de Papel

2. Rótulos, preconceitos, seguranças e hesitações	77
3. Oração: <i>Um</i>	84
Capítulo 6. Feridas e cura	87
1. Contemplação de papel: A cura da mulher curvada (Lc 13, 10-17)	87
2. As feridas	93
3. Oração: <i>Já estavas aqui...</i>	100
Capítulo 7. O perdão	103
1. Contemplação de papel: A mulher adúltera (Jo 8, 11) ...	103
2. O perdão	111
3. Oração: <i>Adoro-te</i>	120
Capítulo 8. Em casa	123
1. Contemplação de papel: Marta e Maria (Lc 10, 38-42) ..	123
2. Sentirmo-nos em casa: Betânia	128
3. Oração: <i>A minha gente</i>	134
Capítulo 9. Não se pode ter tudo	137
1. Contemplação de papel: O jovem rico (Lc 18, 18-24; Mt 19, 16-30; Mc 10, 17-31)	137
2. Escolhas	145
3. Oração: <i>A minha bagagem</i>	152
Capítulo 10. A gratidão	153
1. Contemplação de papel: A cura dos dez leprosos (Lc 17, 11-19)	153
2. A gratidão	160
3. Oração: <i>Presença</i>	166
Capítulo 11. Conversão	169
1. Contemplação de papel: Zaquaeu (Lc 19, 1-10)	169

Índice

2. Em que precisamos de nos converter?	176
3. Oração: <i>Quando chegas</i>	182
Capítulo 12. Conflitos	185
1. Contemplação de papel: A unção em Betânia (<i>Mt 26, 6-13; Mc 14, 3-9; Jo 12, 1-8</i>)	185
2. O conflito do Evangelho	192
3. Oração: <i>À tua maneira</i>	199
Capítulo 13. Servir	201
1. Contemplação de papel: A mãe dos Zebedeus (<i>Mt 20, 20-27</i>)	201
2. A lógica de Deus: servir	209
3. Oração: <i>A nova terra</i>	215
Capítulo 14. Medos	217
1. Contemplação de papel: Ramos e vendilhões (<i>Lc 19, 35-39; Mt 21, 1-11; Mc 11, 1-11; Jo 12, 12-19</i>) (<i>Lc 19, 45-48; Mt 21, 12-17; Mc 11, 15-19; Jo 2, 13-22</i>)	217
2. O medo do seguimento	225
3. Oração: <i>Voltar-me-ei para ti</i>	231
Capítulo 15. Gente boa	233
1. Contemplação de papel: A esmola da viúva (<i>Lc 21, 1-4;</i> <i>Mc 21, 41-44</i>)	233
2. O elogio das boas pessoas	237
3. Oração: <i>Como uma criança</i>	240
<i>Conclusão</i>	243
<i>Índice</i>	245